



REAL PAÇO DAS NECESSIDADES.

QUANDO em 1599 o terrível flagello da peste assolou Lisboa, por maneira que diariamente morriam do contagio setecentas e mais pessoas, os habitantes, que possuíam alguns recursos, fugiam para varias terras da provincia em demanda de ares mais salutariferos: entre elles foram buscar refugio na Ericcira duas pessoas, marido e mulher, que moravam na freguezia dos Anjos, e durante o tempo que estiveram naquella povoação da costa maritima frequentaram devotamente uma pobre e solitaria ermida das vizinhanças, onde se venerava uma formosa imagem de Maria Santissima. Acabados os estragos da peste na capital voltaram os dois consortes á sua antiga residencia, mas não podendo separar-se daquella imagem, resolveram trazer-la consigo sonegadamente, o que puzeram por obra, conseguindo dahi a annos, com esmolas de varios fieis, fabricar-lhe uma pequena igreja no sitio d'Alcantara, então arrabalde, concedendo o terreno a proprietaria Anna de Gouvêa de Vasconcellos, e concorrendo para as despesas uma irmandade de maritimos, que se creou em obsequio da Senhora, a que deram a invocação *das Necessidades*, porque nas tribulações e molestias da vida a ella piamente recorriam, confiados em sua intercessão e patrocínio. Pedro de Castilho, do conselho de S. Magestade, comprou as casas de Anna de Gouvêa, e renovou e augmentou o templo, que se acabou em 1659. Nesta igreja mandou fazer varias obras a rainha D. Maria Isabel de Saboia, mulher primeiramente d'elrei D. Affonso e depois de D. Pedro 2.^o; este ultimo professava tamanha devoção á imagem de N. S.^a das Necessidades que vinha muitas vezes ouvir missa áquella capella no proprio altar da Senhora. Elrei D. João 5.^o n'uma grave e diuturna enfermidade mandou trasladar para o seu palacio e camara a sagrada imagem, e depois que sarou lhe fez levantar, com privilegio de real capella, a formosa igreja que ora vemos, erigindo ao mesmo tempo contiguos os paços, que ao presente servem de residencia á Nossa Augusta Soberana,

VOL. V. JANEIRO 16. — 1841.

e que pelo prospero augmento da R. Familia tem sido muito accrescentados. Esta regia habitação, de agradável prospecto, abundante de cantarias, e n'uma situação deliciosa, desfructa a muito apreciavel vantagem de ter adjacente uma amplissima quinta de recreio, com espaçosas ruas, onde podem correr carruagens, com arvoredos copados, lagos de mui vasto ambito, onde navegam cisnes, com grandes e amenos jardins, em que se renova sempre o matiz das flores e o viço das variadas plantas, favorecidas pela benignidade do nosso clima. Copiosas aguas entretêm a verdura e a fresquidão deste sitio delicioso. Um grande jardim, logo immediato ao palacio, é por tres lados guarnecido de corpulentas e bem acabadas estatuas de jaspe, que representam as diversas virtudes, como a Prudencia, a Justiça &c., e são, ao que dizem, obra do esculptor Giusti, chamado a Portugal por elrei D. João 5.^o para fundar a celebre eschola de Mafra: mas se estas são dignas da attenção dos entendedores, lá temos na regia capella do mesmo paço a estatua de S. Paulo e outras, desempenhadas por um esculptor portuguez, José d'Almeida, que tambem são de incontestavel merecimento.

Diante da frontaria principal do palacio estende-se um dilatado terreiro, adornado com uma fonte, que tem de notavel o seu esbelto e elevado obelisco, de uma só e excellente pedra. Muitas preciosidades da arte encerra o paço, e seria diffusão enumerar-las; mas, por não faltarmos ao dever da nossa profissão litteraria, mencionaremos, ainda que de passagem, a copiosa e rica livraria, selecta em livros antigos de merito e edições de valor, e abundante de manuscriptos raros e codices preciosos para a historia portugueza.

Que o palacio das Necessidades foi o local das sessões das primeiras côrtes extraordinarias da nação depois de 1820, e que fôra habitado em parte, sob a denominação de real hospicio, pelos padres Neris ou da congregação do Oratorio, tão benemeritos pe-

la cultura e ensino das sciencias e letras, são cousas geralmente sabidas, que por isso ommittimos, assim como mais alguns factos historicos, que se podem ler a pag. 360 do 2.^o vol. deste semanario.

HISTORIA DA RELIGIÃO DE MALTA, OU DOS CAVALLEIROS DE S. JOÃO DE JERUSALEM.

(Conclusão.)

SETE para oito annos esteve a ordem em Messina, até que depois de varias negociações o incansavel Isle-Adam obteve a soberania de Malta e Tripoli com o unico reconhecimento d'um falcão por anno ao rei da Sicilia, que Carlos 5.^o lhe concedeu por conhecer quanto a ordem de S. João era util ao commercio e navegação dos principes christãos, e as vantagens que della se podia tirar em uma posição conveniente como a daquella ilha. Em 1530 tomaram os cavalleiros posse della, e dessa epocha em diante entraram a ser conhecidos por cavalleiros de Malta. Villiers de Isle-Adam e Fuleques de Villaret são por tanto os dois regeneradores da ordem quando ella parecia anniquilada. Tripoli perdeu-se em 1556.

A situação da nova soberania não podia ser mais apta para o mister da ordem, por seu bello porto, por seus pontos de defeza, e por se achar na embocadura do Mediterraneo entre os turcos e os barbarescos, de cujos insultos igualmente podia proteger o commercio dos principes christãos. Os cavalleiros cuidaram successivamente de fortificar esta ilha, de modo que a tornaram a melhor praça do Mediterraneo, e estabelecidos alli se viram tomar de novo os seus cruzeiros, e adquirir cada dia por seus feitos a admiração da Europa.

Muitas perdas causaram aos mussulmanos, que por repetidas vezes reprehenderam expulsa-los de Malta a todo o prego com formidaveis esquadras, como haviam feito em Rhodes.

Em 1565 lhe deram o mais obstinado ataque com 93 navios e 46 § 000 homens, fóra outros 15 § 000 que em outra esquadra foram de reforço. O celebre grão-mestre João de Vallette a defendeu com a maior valentia quando os turcos se julgavam senhores della, sendo a cidade defendida pelo valor e astucia do commendador portuguez Mesquita, que fez vestir de soldados todas as mulheres e rapazes. Para evitar outro ataque fez o grão-mestre edificar a nova cidade de Valleta no golfo de Malta para capital, a qual fortificou, e é banhada pelo mar por tres lados por estar collocada na ponta d'uma península. João de Vallette é o heroe de Malta, e todos os annos se celebrava sobre o seu tumulo o levantamento do sitio pelos turcos.

Todos os successores de La Vallette se empenharam em augmentar a fortificação e edificios da nova capital, tendo sempre primazia os destinados a obras de piedade. No anno de 1722, 1.^o do grão-mestre Manuel, tornaram os turcos a attaca-la, mas as energicas providencias do grão-mestre portuguez lhes frustraram as diligencias (1). Continuaram ainda os cavalleiros por muito tempo a oppôr-se ao engrandecimento dos turcos, no que se fizeram muito uteis, mas o rigor da disciplina começou a afrouxar, e não se mostrando os turcos tão reprehendedores, pelo respeito ao augmento das nações occidentaes, eram os cruzeiros contra os estados barbarescos os ultimos serviços por elles praticados, e por tanto se antevia proxima a extingção de uma ordem religiosa e militar tornada quasi sem objecto.

(1) Vid. o retrato e biographia deste varão illustre a pag. 321 e seguintes do vol. 2.^o

Vinte e tres grão-mestres contou a ordem em Malta, de Isle-Adam até Honspech, allemão, 69.^o grão-mestre, e ultimo que devia ter este nome, pois foi no seu governo que os francezes a tomaram por capitulação.

Em 9 de Setembro de 1798, passando Buonaparte com uma esquadra para a conquista do Egypto, tentou tomar Malta de surpresa com o pretexto de fazer aguada e desembarcar doentes, o que o conselho da ordem, conforme os tratados, recusou a mais de 4 náus de linha por cada vez; mas tendo-se revoltado na ilha os cavalleiros francezes e hespanhoes contaminados pela revolução franceza, buscou apoderar-se á força. O grão-mestre podia sustentar-se se em vez de defender toda a ilha se limitasse a Valletta até chegar o almirante inglez Nelson, mas por sua pouca resolução capitulou logo que viu effectuado o desembarque em varios pontos da ilha, e abandonou tudo mettendo-se em um navio mercante. Buonaparte mandou sahir os cavalleiros Russos em 3 horas, e os portuguezes em 48. Não foi assim que os primeiros chefes dos hospitaleiros abandonaram Jerusalem, Acre, Cesarea e Rhodes.

Duzentos e sessenta e oito annos esteve a ordem em Malta. Fernando de Honspech, o pussillanime em tão longa fieira de soberanos, abdicou o mestrado, que em 1798 foi conferido ao imperador da Russia Paulo 1.^o, que buscava recuperar Malta quando os inglezes a tomaram em 1800, e ainda que pelo artigo 10.^o do congresso de Amiens devia a ilha reverter á ordem, nunca elles a quizeram largar, e pelo tratado de París de 1814 ficou a posse de Malta e suas dependencias garantida á Graã-Bretanha que ainda hoje a possui.

Depois da morte de Paulo 1.^o elegeu o papa o grão-mestre Tomazi, ultimo que teve este titulo e 71.^o na ordem chronologica; estabeleceu-se em Catania, mas a ordem não se tornou a reunir, e depois d'elle tem sido presidida até hoje por logar-tenentes de grão-mestre. Napoleão mostrou desejos de a reconstruir quando mandou a Paulo 1.^o a espada que Philippe enviara a La Vallette. Nos congressos de Vienna e Verona tentou se o restabelecimento, mas a posse da ilha pelos inglezes era um obstaculo invencivel, e durante a guerra da Grecia com a Turquia em 1822 chegou-se a fazer um tratado entre esta nação e a ordem (em que a ajuda dos cavalleiros era promettida, como obrigados a combater contra os turcos) obrigando-se a ceder-lhe uma ilha no Archipelago, o que não teve effeito. Tinha a ordem ainda consideraveis riquezas; hoje se acham abolidas as commendas em toda a parte, e em Portugal desde 1834, tendo-o já sido antes em 1822. Desde a perda de Malta cada priorado aonde ainda se conservavam commendas se governava sobre si, enviando ao logar-tenente as costumadas respostas.

Bem que a ordem de S. João tivesse a sua séde na soberania de Malta, ella se espalhava por todas as nações catholicas da Europa aonde os soberanos lhe haviam destinado com as terras de que era donataria ricas commendas para os cavalleiros das respectivas nações; estas commendas dadas aos cavalleiros faziam ao mesmo tempo a principal renda, por serem gravadas com um tributo chamado *responsão* para o commum thesouro da ordem, e outro chamado imposto para a fabrica das náus (*). Era esta ordem essencialmente aristocratica, pois para

(*) Havia quatro especies de commendas: de cabimento quando havia vacatura; de melhoramento, a que os mais antigos tinham direito de passar; de graça, e magistral, dadas pelos grão-mestres, que em cada lingua tinham um numero de que dispunham.

alguem ser recebido nella tinha de fazer próvas de nobreza até 16 avós da parte de pai e mãe, e ser filho de legitimo matrimonio, excepto os dos soberanos. Os cavalleiros eram classificados, segundo as suas naturalidades, em 8 nações, a que chamavam linguas, cada uma das quaes tinha uma casa separada e um chefe chamado *pillier*, ou bailio conventual, que residia em Malta, e eram os principaes dignitarios da ordem (**): as linguas dividiam-se em priorados que tinham os seus bailios capitulares, e nenhum cavalleiro passava a commendador sem ser profeso e ter feito tres caravanas nas galeras ou no exercito, ou ter residido cinco annos na casa conventual; todos os cavalleiros professos faziam voto de pobreza, obediencia e castidade. Os filhos segundos das familias illustres da Europa tinham por honra ser admittidos na ordem de Malta. Alem de cavalleiros havia os serventes e capellães que não precisavam taes próvas de nobreza.

O governo da ordem era monarchico-aristocratico, o seu chefe tinha o titulo de grão-mestre e lhe davam o de alteza eminentissima, os reis de França lhe chamavam primo, e os de Hespanha e Portugal irmão. Exercia por si só todas as attribuições da soberania, mas os negocios importantes da ordem só podiam ser decididos pelo conselho, em que o grão-mestre tinha voto de qualidade, e este conselho era ordinario, ou completo; ordinario era o grão-mestre e os grão-cruzes, que eram o bispo de Malta, o prior de S. João Baptista, os bailios conventuaes, grão-priores e bailios capitulares. O completo compunha-se destes e dos dois cavalleiros mais antigos de cada lingua.

O grão-mestre era creado por eleição indirecta de todos os cavalleiros pelo modo seguinte: — Quando o grão-mestre estava em perigo nomeava um seu lugar-tenente, que morto elle junctava o conselho de estado na salla do palacio e se elegia o lugar-tenente do magisterio, procedendo-se logo á quebra do sinete e bullas do defuncto, e o conselho procedia á publicação do recenseamento dos votantes e votados, de que eram excluidos os que deviam certa somma ao thesouro. No 3.º dia reuniam-se todos os cavalleiros na igreja de S. João a portas fechadas, aonde o lugar-tenente com os grão-cruzes formavam a meza que devia decidir as duvidas da eleição. Então se reunia cada lingua em sua respectiva capella, aonde cada uma em separado nomeava tres cavalleiros, e todas mais tres pela d'Inglaterra que faziam 24; estes 24 nomeavam o presidente da eleição com que cessava a auctoridade do lugar-tenente, e com aquelle procediam á eleição d'um triumvirato; eleito o triumvirato procedia este á eleição d'um quarto para seu adjuncto, que não podia ser da sua lingua, e estes com o presidente nomeavam o grão-mestre, que logo ia prestar o juramento, nas mãos do prior de S. João, de observar os estatutos da ordem e receber a obediencia dos grão-cruzes e cavalleiros, e no outro dia ia tomar posse da cidade velha, aonde era recebido pelo bispo debaixo do pallio, e na qualidade de principe de Malta prestava outro juramento, ás portas da cidade, de conservar os privilegios e liberdades da nação malteza, garantidos por Carlos 5.º, na mão do primeiro magistrado, de quem recebia as chaves.

(**) O chefe ou pillars da Provença tinha o cargo de grande commendador; o de Auvergne, grande marechal e guarda do estandarte da religião; o de França, grande hospitaleiro; o de Italia, almirante; o de Aragão, grande conservador; o de Alemanha, grande bailio; o de Hespanha e Portugal, alternados, grande chancellor; o de Inglaterra, antes da reforma, turcopolier ou capitão das guardas.

Os grão-mestres usavam de duas grão-cruzes sobre o peito, os grão-cruzes uma, os commendadores uma cruz pequena ao lado, e os cavalleiros uma venera ou habito. A sua casa e côrte era composta pelo modelo da dos principes, de grandes officiaes que o serviam nas ceremonias e banquetes publicos, e só na casa de campo da Bosquetta elle convidava a jantar as principaes pessoas.

A força principal da ordem era a de mar; o seu fardamento era escarlata, com virados brancos para as gallés, pretos para os navios, e azues para a guarda do grão-mestre; o da de terra era branco e verde com virados escarlates. O estandarte era vermelho com uma cruz branca, ou a cruz de Jerusalem, e no reverso ás vezes as armas do grão-mestre reinante.

Posto que hoje exista ainda um lugar-tenente do grão-mestre, que em 1826 mudou a sua residencia para Ferrára, e grande numero de cavalleiros que se honram de trazer a insignia da ordem, ella se pôde reputar como extincta, assim por não ter um centro de união como pela falta das commendas, que em toda a parte lhe foram suprimidas; (:) acaba com tudo cavalleira, e os seus alumnos com rasão se gloriam do titulo de cavalleiros de Malta ou de S. João de Jerusalem.

Todavia o rei de Napoles restabeleceu em seus estados a ordem de S. João conforme todos os estatutos e regras canonicas, com todos os direitos e privilegios que tinha antigamente, por decreto de 7 de Dezembro de 1839, confirmando oito commendas existentes, concedendo a cada qual faculdade para fundar outras, com tanto que se conforme com a lei do paiz e sejam conferidas a subditos das duas Sicilias; e mandou pôr á disposição da ordem um edificio em Napoles para hospicio onde sirvam os cavalleiros como no tempo primitivo (::).

D. — S. M. de V. S.

SEGOVIA NA HESPANHA.

SEGOVIA é indubitavelmente uma das mais antigas cidades d'Hespanha, considerada nessas eras remotas como uma vasta fortaleza, por causa da sua situação sobre um rochedo, por quasi todos os lados inacessivel: o espaço que occupa (diz D. Antonio Ponz) tem a configuração de uma nau ou galé com a pôpa ao oriente e a proa para o occidente: a circumferencia da muralha avalia-se em quatro mil passos sem contar os arrabaldes; o rio Eresma corre pelo valle da banda do norte. Quando em o n.º 54 a pag. 149 do vol. 2.º estampámos a vista do alcaçar, forte castello desta cidade da nossa peninsula, démos alguma noticia della, pelo que pouco temos que acrescentar no presente logar. Alli dissemos em duvida que a eschola d'artilharia fundada por Carlos 3.º occupava o alcaçar; porem agora um livro hespanhol, que temos á vista, nos informa que por decreto de 29 de Fevereiro de 1824 se creou o *collegio geral* militar para instrucção de alumnos destinados a qualquer das quatro armas do exercito, e que fôra estabelecido no mesmo castello de Segovia, verificando-se a abertura no 1.º de Junho de 1825. É este instituto uma semelhança do nosso collegio militar da Luz, ora existente no convento dos missionarios a Rilhafolles; tendo para o governo e serviço

(:) Os francezes com a tomada d'Argel, exterminando a pirataria, suprimam a sua falta.

(::) Para completar esta noticia veja-se o artigo sobre a ordem de Malta em Portugal a pag. 26 do vol. 3.º, e a descripção da ilha a pag. 231 do vol. 2.º

militares directores e os necessarios empregados, e para o ensino o conveniente numero de professores: os collegiaes compoem duas companhias de cadetes de 75 praças cada uma. Esta fortaleza, onde por vezes residiram alguns monarchas de Castella, serviu tambem de prisão a Francisco 1.^o de França, quando prisioneiro de Carlos 5.^o, e posteriormente a outras personagens hespanholas por varios delictos.

Alem do alcaçar tinhâmos mencionado, como os mais notaveis edificios de Segovia, a Sé e o grande aqueducto, fabricado pelos romanos, imperando Trajano, o qual, como todos sabem, era hespanhol de nação. A igreja cathedral é de tres naves, e a porta principal, que deita para o lado da praça é de bella architectura; a portada consiste em dois corpos, o inferior de duas columnas por lado com seus nichos nos intercolumnios, e o superior de uma columna por lado e em o nicho a estatua de São Fructos, patrono de Segovia. Estes dois corpos são jónico e corinthio e julga-se ser obra de Juan d'Hererra. Alem desta porta ha outro ingresso para o templo do lado do poente com uma escadaria mui espagosa, e á ilharga se levanta uma torre de consideravel elevação. Todo o exterior do templo sobre os telhados se vê ornado de pyramidesinhas, em mui boa proporção, acompanhando uma cupula, correspon-

dente ao meio do transito entre o altar-mór e o côro. — Trataremos finalmente do aqueducto romano. A tres leguas da cidade se fórma um copioso arroio de varias fontes que tem suas nascentes nas serras de Rio-Frio; esta agua se conduz por um canal descoberto até cousa de 500 passos antes de chegar á povoação, onde se recolhe n'uma grande pia, tapada, para ahi depôr o lodo e arêas. Desde o primeiro arco, que terá uns vinte palmos, continua correndo para o sul sobre 75 arcos até o convento de São Francisco, onde a altura já chega a 39 pés: nesta paragem toma a direcção de oriente a ponte sobre duas ordens de arcos, atravessando o valle com a altura de 102 pés por aquella prolongada arcaria. Pena é que consentissem erigir no valle algumas casas arrimadas ás pilastras, porque se não fosse isto seria muito mais grandioso o conspecto do aqueducto, pela simplicidade da obra, não tendo as pilastras tres varas de grossura não obstante tamanha altura. Assim vão as aguas niveladas com o mais alto da cidade até chegar ao alcaçar por um conducto coberto, donde sahem repartidas para as casas, chafarizes e edificios publicos. Tal é a obra de Trajano que fez este beneficio á população de Segovia, o qual permanece ha perto de dezoito seculos e que, segundo toda a probabilidade, hade continuar por muitos mais.



AQUEDUCTO DE SEGOVIA.

O MONGE DE CISTER.

Romance historico.

(Fragmento.)

1383 — 1389.

Tristesa, dor e cuydado,
leixae-me: — que mais quereys?
porventura nam sabeys,
que sou ja desesperado?

L. ANRIQUES. *Canc. de Res. f. 103. v.*

Capitulo II.

« QUANDO tornei a mim — proseguiu o moço cister-

ciense — estava em cima da cama em um aposento dos meus paços. A primeira cousa que me lembrou foi chamar por meu pai e por minha irmaã: depois recordei-me de que já nem pai nem irmaã tinha: callei-me. Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abbade que me baptizára, e me ensinára a ler. Elle percebeu que tornára em mim: poz-se em pé: eu estendi para elle as mãos: deu-me uma das suas; eu a apertei entre as minhas, e levei-a á boca; e beijei-a: era descarnada e enrugada como devia ser a de meu pobre pai. Nem elle me dizia na-

da; nem eu a elle. Eu por mim, não tinha nada que dizer; porque o que me estava na alma não era cousa que com palavras se dissesse, nem a que com palavras se respondesse. Depois de largo tempo ouviram os meus ouvidos a minha boca perguntar: «Que horas são?» — «Quarto de prima;» respondeu o abbade. Com effeito o sol começava a tingir-me a cama de todas as cores das vidraças de uma fresta que me ficava fronteira. E eu olhava para a fresta com os olhos fitos: parecia tranquillo; porem cá dentro ia um tumulto medonho. A imagem de meu pai defuncto, de minha irmã deshonrada queimava-me o cerebro. Vingança! Esta palavra sentia-a soar, palpava-a, via-a escripta, affigurava-se-me convertida em effeito. Um cavalleiro estava por terra, o seu peito arquejava debaixo da minha joelheira de ferro, e o meu punhal me reluzia na mão erguido sobre a garganta do roubador de minha irmã. Era delicioso! — Desde então para cá sempre cri que podia haver um momento de prazer no meio dos tratos do inferno.

Até ahí nem o nome, nem a imagem de Leonor me tinha passado pelo espirito. Foi depois disso, que este nome e esta imagem me appareceu como um pensamento do céu. Rebutaram-me, então, dos olhos as lagrimas; as minhas mãos apertaram com ancia as mãos do abbade, e o pulso bateu-me com vigor febril. Senti que estava em um leito, em um aposento, ante a luz de Deus, entre os homens, — na vida.

Disse algumas palavras ao abbade. Este santo homem me contou então que eu passára a noite inteira em espantoso delirio; que elle se encarregára de me vigiar desde a meia-noite; ponderou-me que era necessario tomar algum alimento: recusei: instou. Pedi-lhe então que me chamasse Brites — primeiro que tudo queria fallar com ella.

Brites era uma velha dona que fôra minha ama, e que ficára depois servindo de euvilheira de minha mãe: quando esta falleceu era eu mui moço, Beatriz uma criança. Meu pai a encarregou do governo domestico: nós nos habituáramos a tê-la em conta de uma segunda mãe: tambem ella nos amava como filhos. Apesar de perturbado, notei com dissabor não a ver ao pé de mim.

«Mas Brites» disse o abbade titubeando: — e callou-se.

«Mas Brites», prosegui eu, «devia estar junto ao pobre Vasco, que segundo dizia, tanto amava. — Tambem ella foge de mim?»

«Não, senhor. Eu fui que não consenti que ella aqui estivesse. De que podia servir-vos a pobre dona, senão de acrescentar-vos agastamentos no coração?»

«Bem pelo contrario!» — atalhei eu. «É a unica pessoa que está aqui da minha ia a dizer familia lembrei-me ainda outra vez de que não a tinha. «Em fim — prosegui eu em tom de quem quer ser obedecido — que Brites venha cá.»

O abbade cravou em mim os olhos: parecia irresoluto e afflicto: um gesto de impaciencia que me viu no rosto o resolveu. Sabiu vagarosamente.

Dahi a pouco pareceu-me ouvir no aposento immediato a voz de Brites, que cantava:

Boa festa, santa festa
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.

«Arripiaram-se-me os cabellos: — um cio! prolongado cortou a cantiga.

Brites entrou: o abbade a trazia agarrada pelo

braço: custou-me a conhecer-lhe as feições: estava inteiramente demudada: tinha os olhos esgazeados, as faces pallidas e encovadas, e por cima de tudo isto um como véu de riso convulso. O abbade olhava para ella com aspecto severo.

«Meu criado», gritou Brites apenas me viu, «mandai embora este máu homem. Tem cara de perro castelhano. Hoje que é o dia do vosso casamento todos devem ter cara de riso. «O senhor Pedro Vasques», continuou a desgraçada, chegando-se ao pé do leito, e fallando em voz baixa, como quem me dizia um segredo, «está lá fóra deitado em uma cama preta; e sabeis o mais gracioso? — Muitos padres estão ao redor da cama a fallar-lhe em latim; mas bem faz elle que finge dormir, e não lhes responde nada. Creio que espera por vós para ir á igreja»

O abbade interrompeu-a: «Está varrida», disse elle voltando-se para mim. «Depois que a senhora Beatriz fugiu de casa, começou a enlouquecer: com a morte de vosso pai perdeu de todo o siso. Quizeses que ella viesse: pensei que se conteria diante de vós; mas vejo que os meus receios eram fundados. Ide-vos embora, Brites!»

«Não!» accudi eu, que sem pestanejar olhava para aquelle doloroso espectaculo. «Não! vem cá Brites: abraça-me: falla-me de meu pai de meu pai só e dize o que quizeres.» — Não sei o que em mim se passava. A dôr começava a causar-me uma especie de prazer.

Brites deitou-me os braços ao redor do pescoço, e deu-me um beijo na testa. «Vamos, meu criado», disse depois; «olhai que é tarde, e D. Leonor estará esperando. Vós já não sois Vasco da Silva, sois Lopo Mendes. Já não sois mancebo florido; mas velho grave e mui rico. — Não é assim? É: oh que é? — Parvos! — suppunham que D. Leonor era donzella que casasse com outro; os pobresinhos não sabem que mudastes de pessoa! — Vamos, erguei-vos dahi.» Acabando de dizer isto deu uma gargalhada.

Eu tinha coado cada uma das suas palavras pelo coração. Ergui-me de um pulo: em pé no meio do aposento, o meu aspecto devia ser infernal. «Velha maldita», gritei eu furioso, «que infamias estás ahí dizendo? Que casamento de Leonor? Que Lopo? — Falla, ou te faço callar para sempre.»

Procurava o meu punhal na cinta, mas já não estava armado.

«Não o sabeis?! — Não o sabieis?! — Meu Deus! Meu Deus!» — Isto dizia o abbade que em um relance se me havia arrojado aos pés, e soluçando me abraçava pelos joelhos.

Brites se arredára; cruzava os braços, e olhando para mim com ar de compaixão, repetia muitas vezes: «Coitadinho! — Enlouqueceu!»

Talvez fallava verdade.

Todavia, apesar da especie de phrenesi em que me lançaram as palavras de Brites, a postura, os soluços do veneravel sacerdote me chegaram ao vivo. Procurei vencer a minha desesperação: ergui-o, e disse-lhe com apparente tranquillidade:

«Não! não o sabia. Contai-me tudo.»

O velho sacerdote ergueu os olhos para os meus, e viu nelles cousa que o fez hesitar.

«Contai-me tudo», repeti eu.

Da primeira vez o som da minha voz era o da voz de um homem: da segunda a meus proprios ouvidos pareceu que assim devia ser a de um demonio.

Ao abbade pareceu por certo o mesmo. Não hesitou mais — Eis-aqui o que elle me disse. Ficou-me bem seguro na memoria.

«Mezes havia já que Mem Viegas deixára de fre-

quentar a casa do vosso pai: — aquella inteira amizade que por tantos annos os unira começou a esfriar grandemente. Todos os dias, segundo o antigo costume, vinha eu passar o serão com o senhor Vazqueannes que com Deus é; todos os dias parafusavamos ambos sobre o motivo desta novidade, e não podiamos atinar com elle. Salvo se era a necessidade de fazer companhia a um cavalleiro do Minho, homem já de idade grave, mas de aprasivel presença, que viera ser seu hospede. Este motivo, porém, não era sufficiente para desculpar o pai de D. Leonor. O casamento de sua filha comvosco, ajustado entre elle e vosso pai, devia ainda tornar mais robusta a amizade inalteravel de tantos annos. Quando ao anoitecer, assentados ao redor do leito do senhor Vazqueannes, que, por sua avançada idade, se recolhia ao pôr do sol, eu, vossa... digo a senhora D. Beatriz, e o infame D. Vivaldo, conversavamos acerca deste successo, buscavamos a causa de tal mudança; depois de muito scismar e adivinhar, concluimos sempre que era impossivel achar o motivo de tal proceder.

«Um domingo pela manhã, tinha eu acabado de dizer missa, e estava na sacristia desvestindo-me, quando o sacristão veio dizer-me que um pagem de Mem Viegas estava ahí, e me buscava. Mandei-o entrar. Disse-me que seu senhor precisava de fallar-me, e que trazia uma hacanea para eu cavalgar até o paço. Respondi-lhe que estava prestes. Partimos. Chegando á ponte levadiça notei que pagens e escudeiros estavam vestidos ricamente das cores de Lopo Mendes, o hospede de Mem Viegas. Fez-me isto estranheza; porque era signal de noivado. Entrei. O fidalgo me veio receber á salla d'armas, fez-me assentar, e disse-me:

«Mandei-vos chamar, reverendo abbade, para que lanceis a benção nupcial na capella destes paços a dois noivos que lá estão. Hoje passareis o dia comnosco.»

«Poderei já saber, meu illustre senhor, quem são os noivos?»

«Porque não?! — tornou Mem Viegas, sorrindo. «O noivo sabereis já quem é pelas cores de que os meus estão vestidos: a noiva, ninguém aqui o poder de tão nobre, rico, e esforçado cavalleiro, senão a minha Leonor.»

«Estremeci. Havia poucos dias que tinha fallado com o senhor Pero Vasques do vosso casamento com D. Leonor. Levantei-me, e com aspecto carregado disse ao velho cavalleiro:

«Quereis porventura gracejar comigo, senhor Mem Viegas? — Vossa filha deve casar com Vasco da Silva, logo que elle volte da hoste de Nunalvares: a palavra de vossa mercê...»

«Deve?!» — interrompeu Mem Viegas, dando uma risada. «Creio que sou senhor desta casa, e que minha filha é minha filha. A palavra de Mem Viegas, dizeis vós? — Se a minha palavra estivesse dada, não a quebrára eu, nem que fôra ao proprio Satanaz. Mas não a dei a ninguém. Verdade é que Pero Vasques me fallou nisso, e que não desapprovei a lembrança: mas Leonor prefere Lopo Mendes, mudou de amores: tambem eu na mocidade mudei mais de uma vez. Além disso o meu futuro genro é mais rico, mais nobre; e o que eu prefiro a tudo é a felicidade de Leonor.»

«Embora, senhor cavalleiro, embora!» tornei eu. «Dai-me licença para duvidar de que vossa filha troque de bom grado pelo segundo o seu primeiro noivo. Sei que se amavam muito; porque vi nascer e crescer o seu amor. Não; não é possivel semelhante mudança.»

«Vê-lo-heis já:» atalhou Mem Viegas. «Ella lá está na capella: examinai bem seu gesto e suas palavras, e julgareis por vossos proprios olhos se ahí ha outro constrangimento que não seja o de pudor de donzella que vai trocar a sua corôa virginal pelo grave titulo de dona.»

«Se assim é,» repliquei, «não posso exercitar meu ministerio nestes paços. Em vez de abençoar, eu amaldiçoaria: amaldiçoa-la-hia a ella; porque assassina sem piedade um valente mancebo, o meu desgraçado pupillo, o filho do honrado e bom cavalleiro Pero Vasques.»

«Dizendo estas palavras, encaminhei-me para a porta da salla. Não queria demorar-me allí mais.

«Alto lá, dom abbade,» gritou Mem Viegas aferrando-me por um braço. — Lembrai-vos de que estais ante um nobre cavalleiro da Estremadura! Tenho ouvido sem sanha as vossas parvoices, mas á fé, que não vos ouvirei mais nenhuma. Não quereis abençoar minha filha? Paciencia! O meu capellão o fará. Tambem era honra que vós filho e neto de mestiraes e vilões, não merecieis. Todavia não sahireis daqui, para ir contar o que vistes e ouvistes a Vazqueannes, porque não quero que esse velho tonto faça alguma loucura. Amanhã pela manhã partiremos para a côrte, e vós podereis ir relatar ao vosso amigo o que se passou. Servireis ao menos de testemunha,» proseguiu elle com um sorriso de escarneo. — «Não é assim? — Pagens! — o nosso abbade padece de gota: talvez lhe custe caminhar até a capella. Se elle não poder ir só, ajudai-o!»

«Ergueu-se, fez-me uma cortezia, e partiu. Conheci que se empregaria a força se resistisse. Dirigi-me por tanto á capella. Dir-vos-hei o que ahí se passou? Não. Vós o adivinhaes. Mem Viegas dissera a verdade. Leonor entregava de bom grado alma e corpo a Lopo Mendes! Elle era mais rico e mais illustre que vós!»

Neste ponto da sua narração, o abbade parou. Eu olhava para elle immovel: o ruído da minha respiração semelhava ao rugir de um tigre. O velho sacerdote continuou:

«Andei todo o dia livremente pelos paços: mas notei que os bésteiros e homens d'armas de Mem Viegas me vigiavam os passos. Ao cair das trevas guiaram-me para o aposento, onde devia passar a noite: era o alto de uma das torres que olham para o poente; deixaram-me só, e senti dahi a pouco correr os grossos ferrolhos da porta que dava para as quadras do palacio. Rezei: deitei-me; mas não pude dormir. Vinha a manhã rompendo, quando senti ruido de cavallos no pateo interior do paço: passado um breve instante senti abrirem a porta da minha prisão. Entrou um pagem, e disse-me que podia livremente sahir quando bem me approvesse.

Desci á salla d'armas: estava deserta: sahi então: atravessei a ponte levadiça onde não vi mais que dois bésteiros, alguns servos mouros, e o mordomo que passeava pela borda da carcova. Ao longe pela estrada enxerguei uma formosa cavalgada de cavalleiros e damas em ginetes e palafrens. Entendi o que era. Então sem dizer palavra, sem olhar para traz, endireitei para a abbacia.

«Joanne, o antigo sacristão, que ainda a esse tempo era vivo, correu a mim de subito apenas me avistou. Tinha ido bater á porta da minha pousada, e vendo que eu não abria estava inquieto; porém quando me conheceu ao longe ficou espantado. Conteei-lhe tudo: não me queria acreditar. Incumbi-lhe varias cousas relativas á igreja, e parti immediatamente para os paços do senhor vosso pai, que em gloria está.»

«Achei as portas abertas: peões e bésteiros de cavallo corriam para um e outro lado. Tudo mostrava que ali havia já noticia do que succedêra. «E eu que compunha medidas palavras para minorar a impressão dolorosa que tão extraordinario acontecimento devia produzir em Vazqueannes! Eis o que eu dizia fallando comigo mesmo.

«Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados: sem fallar com pessoa alguma cheguei á camara de vosso pai. Parece-me que o estou vendo! Sentado em um escabello, com as faces entre os punhos, os olhos fitos no ladrilho do aposento, o respirar alto e rapido. Aquella grande alma vergava debaixo do peso da afflicção. Cheguei-me a elle sem que me sentisse: bati-lhe de manso no hombro: olhou para mim, e sorriu-se. Este sorriso traspassou-me o coração. Depois o seu gesto recobrou as rugas de uma dôr funda. Elle não me dizia nada. Fui eu o primeiro que fallei.

«Senhor Vazqueannes,» disse, — «o homem põe: Deus dispõe. Seja feita a sua vontade.»

«E a sua vontade será que se commettam crimes infames, e que um pobre velho seja deshonrado, quando tem já os pés mettidos dentro do ataúde?»

«A sua vontade é que o bom pague com amarguras do mundo as culpas de que ninguem é isento; e que o máu folgue e ria cá em cima; porque a sua conta tem de ser saldada no inferno.»

«Oh! mas a deshonra!...»

«A deshonra é para quem commette feitos vis. O que delles padece esse não é deshonrado. «Isso dizeis vós outros,» atalhou com energia vosso pai, — «os que não herdastes um nome antigo, que se fiou de vós como deposito, para o traspassardes sem nodoa aos vossos herdeiros. Vós não tendes herdeiros! — Meu Vasco; meu Vasco! — onde estás, cavalleiro, filho e neto de cavalleiros, onde estás tu?! — Olha que o meu montante enferrujado já não pode sahir da bainha; olha que as pernas tropegas de um velho já não podem apertar as ilhargas de um ginete! — Vem! Olha que cuspiram no brasão de teus avós. Lava esta nodoa com sangue.»

Quando o abbade repetiu estas palavras de meu pai, a sua voz se me converteu na delle — e eu rugi por entre os dentes cerrados: — «Meu pai, serás satisfeito!» — Um mar de sangue parecia correr diante de mim.

«Sempre eu pensára,» proseguiu o abbade, «que a traição de Mem Viegas faria vivo abalo no animo de vosso pai; mas tanto, custava-me a crê-lo. O meu ministerio era consolá-lo, e para a consolação recorri á fonte de todas ellas: lembrei-lhe o justo, o filho de Deus cuberto de affrontas, perdoando na cruz aos seus perseguidores: lembrei-lhe que mais de uma vez por obra e palavra o Crucificado ensinára o perdão das injurias.

«Mas elle era Deus! — mas elle não tinha uma filha que muito amasse; que fosse como uma flôr de innocencia, um anjo de amor, e se convertesse... n'uma barregan refece e torpe. Um Judas houve entre os seus, como o que entrou nesta casa; mas esse onde está? No inferno. E este? Folga e ri de mim velho. Ah que este velho tem um filho! — Vingança, Vasco! — Vingança!

«Eu olhava para vosso pai: não sabia se elle delirava; se nestas palavras havia algum mysterio intelligivel para mim. Um pagem que entrou neste instante me fez ver que vosso pai não delirava.

«O pagem estava no meio da casa como um criminoso: olhos pregados no chão, e os braços pendentos.

«Então?» disse o senhor Vazqueannes com voz de mortal angustia.

«Todos os bésteiros e homens d'armas,» respondeu o pagem, «acabam de chegar: correram mais de quatro leguas por differentes caminhos. Não encontraram a senhora D. Beatriz, nem D. Vivaldo.»

«Vasco!» — foi o ultimo grito de vosso pai: e cahiu desfallecido.

«Então percebi tudo. — Confesso que tambem nesse instante me passou pelo espirito um pensamento de sangue.

«Poucas horas antes de eu sahir da prisão em que me retivera Mem Viegas, D. Beatriz tinha fugido com o miseravel D. Vivaldo. Este homem indigno do nome de cavalleiro, passando por aqui, falsa ou verdadeiramente enfermo, pedira e recebêra gasalhado de vosso pai. Dentro de poucos dias percebi que os olhos de D. Beatriz se encontravam frequentes vezes com os delle. Julguei que devendo partir brevemente, se alguma affeição ia nascendo entre os dois, se desfaria com o apartamento. Entretanto D. Vivaldo, com seus modos cortezãos e de primor, captivava cada dia mais o animo de vosso pai. Á noite lia-nos o Amadis do nobre Lobeira, que o senhor Vazqueannes muito gostava de ouvir, e de que tinha um traslado dado pelo proprio auctor. Quasi que vosso pai não podia estar uma hora sem D. Vivaldo. Encostado ao seu braço, passeava tardes inteiras com elle, ora na matta de carvalhos, ora no horto contiguo. D. Beatriz o acompanhava, e este amor que me parecia em começo já estava convertido em incendio violento. — Mas não era mais que um seductor infame! Se tivesse pedido D. Beatriz a vosso pai elle lh'a houvera dado por mulher. Certo que o amava muito! Pobre que fosse, ou de menos puro sangue. Era uma cegueira do honrado fidalgo, e aquelle homem devia ser o seu assassino!

«Desde este dia vosso pai não disse mais palavra, nem quiz mais comer. Ás vezes viam-se lhe borbulhar nos olhos as lagrimas; mas enxugavam-se-lhe logo. — Durou assim alguns dias: uma febre violenta o sustentava. Este fatal alimento faltou-lhe por fim, e expirou. O nome unico por quem chamou pouco antes de morrer, foi o de seu filho.»

Aqui o abbade callou-se. Estava em pé diante de mim; e eu olhava para elle fito: Brites, que tinha escutado tudo immovel como eu, me tirou daquelle torpor sahindo do aposento, e cantando:

Boa festa, santa festa
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.

Já porém, este medonho contraste de uma voz de alegria no meio do ambiente de ferro que me cercava, não me fazia abalo. A dôr passára o termo até onde lhe é dado ir esmagando o coração humano: o meu era ermo, nú, petrificado. Mas ali estava gravada pela voz de meu pai uma palavra que não se podia apagar, *Vingança!*

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na salla d'armas! Um pagem para me acompanhar.»

«Senhor Deus Jesu-Christo!» Exclamou o abbade, com um gesto de terror, que, não sei porque, nelle tinham causado estas palavras.

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na salla d'armas. Um pagem para me acompanhar!»

Os meus pensamentos eram immutaveis como de bronze fundido: as minhas palavras como um dobre por finados, innegaveis, indestructiveis.

Creio que comi: senti renovarem-se-me as forças. Creio que vesti a armadura; ouvi o tinar do fraldão de malha sobre os coxotes, o jogar destes e das grevas debaixo das joelheiras. Creio que cingi a espada: o coração percebeu que o instrumento da vingança estava encostado ao peito. Creio que cavalguei no meu ginete; conheci que escarvava a terra diante da planície que se alargava em frente dos paços, já meus, como em dia de peleja no campo da lide.

Tambem um pagem cavalgando uma hacanea estava ao pé de mim: trazia-me a lança, e ás costas o meu escudo mettido em uma funda. Como se outras armas houvesse ahí mais que a espada ou o punhal para quem quer vingar-se: outro escudo mais que uma vontade, um pensamento perspicaz, tranquillo, unico, incapaz de errar o alvo, semelhante a uma tenção damnada de Belzebuth!

“Sabes onde são os paços do cavalleiro que esteve aqui?” — perguntei eu ao pagem.

“Qual, senhor?”

“D. Vivaldo, cão maldito!”

“Não, senhor. Mas ouvi que seguia a côrte.”

“Para Lisboa!” — *A. Herculano.*

(Continuar-se-ha.)

Curso elementar d'Agricultura e Economia rural, de Mr. Raspail, traduzido e anotado pelo Sr. A. J. de Figueiredo e Silva, Dr. em Medecina e Bacharel formado em Philosophia. — Tratado 1.º — Lavoura. 1 vol. em 12.º franc. de 187 pag. com tres estampas de instrumentos agrarios.

QUANDO se distribuíram os prospectos desta mui interessante publicação, apressámo-nos a noticia-la ao publico (1), porque tal é o credito scientifico de Mr. Raspail, e o conceito que nos merece o seu digno traductor, que logo antevimos a grande utilidade que os nossos compatricios, principalmente das provincias, tirariam deste livro, tão pratico, tão claro na exposição dos preceitos e no desenvolvimento das indispensaveis theorias, que desafogadamente se lhe póde chamar o *vade-mecum*, o *manual pratico do agricultor*. Para que bem se comprehenda o pensamento que presidiu á composição desta obra deixaremos fallar o auctor, na linguagem correcta do traductor. Diz elle assim na introdução a pag. 3.

É a agricultura uma arte pela qual, imitando a natureza, rivalisámos sua virtude creadora, e produzimos em um dado terreno a maior e mais formosa copia de sujeitos de qualquer especie vegetal, de reconhecido prestimo para o consummo, para a industria ou para o commercio.

Da observação é filha e irmã da civilisação, com a qual por toda a parte vai progredindo emparelhada: verdade é, ainda mal, que ambas as coitadas se vão por entre todos os povos com os olhos tapados, e bem tapados, manquejando e algumas vezes desandando. Lá tem dentro seu instincto, que as força para diante; mas falece-lhes mão segura de conductor que pelas trévas as encaminhe. Se uma vez a experiencia as põe na estrada, duzentas vezes empiricos as desvairam, e onde tudo isso não é, lá acodem charlatães que as traficam. Será logo empenho nosso neste Curso aproveitar dos empiricos e experiencia o que bem fôr, a despeito das trapaças dos charlatães.

“Aqui tendes, diremos nós aos lavradores, o que outros antes de vós hão feito, e com bom acerto, em exposições e terrenos diversos dos vossos; mas

(1) Vid. a pag. 224 do vol. antecedente.

não vos bastará isso; estudai vosso chão e clima, ponderai os vossos meios; em quanto a sciencia se vos não mostrar mais fecunda do que a pratica, não largueis de repente a pratica, que não é ella de si má, senão só de sua desconveniencia, quando applicada; consultai ao mesmo tempo o costume e a experiencia; e não julgueis senão pelos resultados; em se vos prégando novidade, experimentai-a, mas experimentai-a no pouco; depois, se o exito responder á promessa, lá está o vosso interesse que vos mandará ir por diante.”

Este primeiro Tratado, que tem por objecto a lavoura, divide-se em quatro grandes secções ou capitulos, com as necessarias subdivisões; sobre a terra lavradia, suas qualidades, modo de as conhecer, e os adubos ou correctivos de toda a casta; sobre as machinas e ferramentas, tanto para romper o terreno como para a sementeira e a colheita; sobre as operações geraes da cultura; e sobre as culturas especiaes. O trabalho de Mr. Raspail acha-se enriquecido com extensas e mui importantes notas do traductor, que occupam 38 paginas de texto compacto em typo miudo; merecem especial menção, a primeira que é um eloquente arresoamento a favor da agricultura, em que tambem se trata da criação de bancos ruraes em o nosso paiz; outra que incluye a dissertação sobre a influencia dos estrumes na fertilidade dos terrenos, pronunciada pelo Sr. Dr. Figueiredo no concurso para o provimento da cadeira de botanica e agricultura da eschola polytechnica; e as tres que versam sobre as borralheiras, os afoalhamentos, e o esgôto dos pantanos. Esta ultima, assaz interessante, inseriremos no proximo n.º

Esta obra, completos os cinco tratados, pela sua proporcionada extensão, barateza do custo, (2) methodo e clareza da doutrina, é credôra de toda a estimação, diremos mais, é indispensavel aos proprietarios e cultivadores intelligentes de bens ruraes, e até aos curiosos principalmente no 2.º 4.º e 5.º tratados que se dedicam ao amanho das hortas, dos jardins, e á criação dos animaes domesticos, fabrico de lacticinios, e outros objectos economicos.

Mr. Raspail achou um fiel interprete; e a nação portugueza tirará grande proveito da diffusão desta obra, que tem de mais a mais a vantagem de estar vertida em linguagem limpa e por vezes elegante; qualidade recommendavel que falta em grande numero de livros didacticos, em que é muito difficil, ainda escrevendo originalmente, descartar-se o auctor de um certo *pensar francez* (conforme a expressão d'um nosso sabio) e por consequencia deixar de usar de uma locução afrancezada. Analysaremos successivamente, á medida que sahirem a publico, os quatro tratados restantes.

Um rio. — Ritter na sua *Introdução ao estudo da terra*, observa que as mais das vezes um rio, ainda que pequeno, é de grandissima importancia para o paiz a que pertence. Por exemplo, o Isar na Baviéra recebe desde a sua fonte até a sua confluencia 860 rios e ribeiros pela margem esquerda, 44 dos quaes chegam directamente á corrente d'elle, e pela margem direita recebe 433 em 59 leitos: é alimentado por 130 lagos e 1:293 rios que nelle desaguam por 103 leitos: e todavia o Isar apenas é um dos 34 afluentes do Danubio, e o Danubio é de terceira ordem entre os grandes rios da terra.

(2) Todos os cinco tratados por assignatura importarão em 1:200 rs. em quatro pagamentos; e o preço total avulidamente será de 1:600 rs.